

# O NARRADO E O VIVIDO: EXPERIÊNCIAS POÉTICAS DE ESPEDITO DE MOCINHA

## THE NARRATED AND THE LIVED: POETIC EXPERIENCES OF ESPEDITO DE MOCINHA

Aluska Silva Carvalho <sup>1</sup>

**Resumo:** O propósito deste texto, de pesquisa ainda em andamento, é socializar a arte de quem produz e vive a cultura popular, através de experiências poéticas. Procurarei, por esses caminhos, cartografar o percurso das narrativas de Seu Espedito de Mocinha, poeta do cariri paraibano que possui vasta e eclética produção em poesia e prosa, além de ser exímio contador de histórias. Amparada pela metodologia da história oral/ história de vida, pretendo apresentar algumas vivências desse homem que comunica, a partir da poética da voz (e da escrita), sua literatura.

**Palavras-chave:** Espedito de Mocinha. Poéticas orais. História de vida.

**Abstract:** The aim of this paper is socialize the art of those who produce and live the popular culture, through poetic experiences. I would like to map the way of the narratives of Mr Espedito de Mocinha, brazilian poet from the Countryside of Paraiba, who has a vast and eclectic work in poetry and prose, besides being a skilled storyteller. Supported by the oral and life methodology I intend to present experiences of this man who communicate himself, trough the written and spoken poetry, his literature.

**Keywords:** Espedito de Mocinha. Oral poetic. Life history.

## Introdução

Sou Espedito Pedro da Silva. Nasci na Fazenda Santa Catarina, no município de Monteiro, no Cariri paraibano, no dia 9 de abril de 1939. Filho de Manoel Pedro da Silva e Inácia Maria da Conceição, conhecida por “Mocinha”. Poeta, com grau de estudo básico completo, sou muito adaptado aos livros. Não lembro de ter passado oito dias sem ler e escrever. Bem informado e atualizado com o que ocorre no Brasil e no mundo, sei das políticas sociais e partidárias. Sou um poeta curioso. (Espedito de Mocinha, 2017)

Neste artigo, apresentarei o início do processo cartográfico, resultado parcial de minha pesquisa do doutorado de Estudos Culturais e de Gênero do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba, realizado com do poeta Espedito de Mocinha. A partir de trechos das transcrições realizadas, procuro revelar alguns espaços importantes do universo e da trajetória do poeta e sua relação com mulheres importantes na caminhada: Dona Maria e Zabé da Loca.

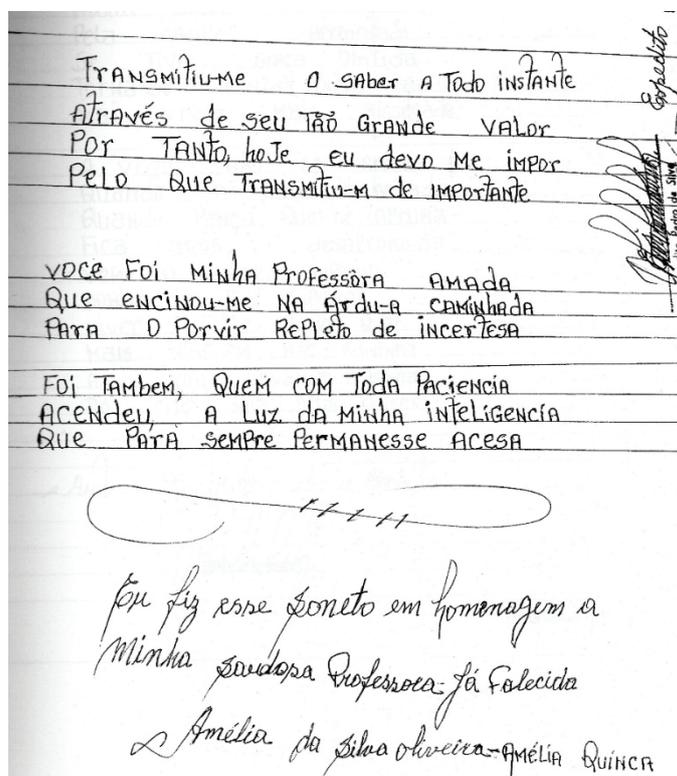
Meu interesse em conhecer melhor o legado de Seu Espedito ocorreu através de verberações de uma produção videográfica que foi realizada com uma amiga dele, também protagonista do cariri paraibano: a conhecida tocadora de pife (pífano), Zabé da Loca. O documentário “Sob o céu de Zabé”

Conta a história da vida da tocadora de pífano, autodidata, que criou os filhos em uma loca (gruta de pedra) situada no mesmo assentamento onde vive Seu Espedito. No documentário, além de contar um pouco de sua amizade com Zabé, ele declama poema sobre ela. Em contato com um consultor de turismo do SEBRAE, na cidade de Monteiro, soube mais sobre a história de Seu Espedito cuja produção literária é objeto deste artigo, que é parte da minha pesquisa de doutorado.

Seu Espedito, já com 81 anos, vive no assentamento Santa Catarina, localizado a 14 quilômetros da cidade de Monteiro-PB. Por causa da idade e de algumas dificuldades de locomoção, devido a sequelas de hanseníase que lhe acometeu há aproximadamente 20 anos, sua produção artística fica limitada à presença de turistas e alguns ativistas culturais, como também de professores que conhecem seu trabalho.

Seu Espedito, poeta, contador e criador de histórias, é conhecido não só no âmbito local, mas em toda a região do cariri e sertão paraibano. Chamou minha atenção o desejo que ele manifestou de perpetuar poemas e histórias, escritos a próprio punho, mesmo tendo sido alfabetizado somente até o segundo ano primário. Na internet, encontrei poucos registros em vídeos sobre artistas populares do cariri e do sertão paraibano, mas nada dedicado exclusivamente a ele. A seguir, um poema escrito pelo autor a próprio punho.

**Figura 1:** Poema escrito por Seu Espedito de Mocinha



**Fonte:** Arquivo pessoal da pesquisadora

Como se pode ler, o universo de Seu Espedito é mote para sua produção artística. Ele dedica esse poema à sua professora do primário pela qual tem muito carinho. A docente contava muitas histórias e influenciou o autor na habilidade de narrar. Isso aparece evidente, sobretudo, nos versos “Acendeu a luz da minha inteligência/ que para sempre permanece acesa”. Marcas na produção escrita do poeta é a assinatura e o carimbo, uma forma de se afirmar no universo da escrita que é muito importante para ele, pois representa prestígio e status.

Embora haja registro escrito de poemas e de contos criados ou recontados por Seu Espedito, o nascimento de sua produção é oral, contada e recontada a partir do repertório que ele tem na memória. E, após memorizado, o poeta faz seus registros no papel. Muitas histórias e poemas ganham asas e voam pela generosidade do poeta que, por falta de dinheiro para *fazer cópias na cidade*, muitas vezes entrega a versão original a visitantes interessados. E esses textos perdem-se na memória que, mesmo muito eficiente, não se lembra mais de tudo o que produziu.

Percebi que Seu Espedito era uma voz que ecoava em mim. Ao ouvir suas histórias, testemunhei o entusiasmo dele em me mostrar os escritos, como também notei sua autoafirmação enquanto poeta e detentor de saber cultural local. Ele também me surpreendeu por ter modificado até nomes de pontos turísticos da região, como veremos adiante. Por isso tive a sensação de que tinha muito o que aprender com esse artista popular e decidi estudar a narrativa desse caririzeiro que tanto tem a falar.

### **Da história de vida à cartografia: um pouco sobre o método**

Segundo Antônio Cândido (2006), para que haja entendimento das manifestações orais não se pode perder de vista a qualidade estética, de modo a distinguir sua função total, social e ideológica. Desse modo, na tentativa de compreensão do universo poético de Seu Espedito de Mocinha, procurei registrar não apenas o que ele dizia na poesia, mas também o seu fazer poético no tecer da vida, nas suas narrativas. Pela proximidade e vínculo com o sujeito da minha

pesquisa e o grande desafio que é compreender produção artística tão complexa e escorregadia do texto literário oral-escrito-oral de seu Espedito, optei pelo método da *história de vida* ao acreditar que seria uma forma mais natural de aproximação com o autor.

Entende-se *história de vida* como método de pesquisa que possibilita estudar sobre o cotidiano e a memória das pessoas de modo a compreender a dinâmica das relações que ocorrem durante suas existências a partir de seus pontos de vista. Não se procura comprovar os fatos narrados, pois o documento oficial é o narrado como experiência do vivido. Esse método é pertinente como norte de análise na proposta de estudar apenas uma pessoa, no caso, o universo de Seu Espedito.

A história de vida foi introduzida no meio acadêmico em 1920, pela escola de Chicago e desenvolvida por Znanieski, na Polônia. A partir da década de 1960, o método estabeleceu estratégias de análise do vivido, constituindo assim, uma possibilidade de coleta de dados do homem (da mulher) no contexto das relações sociais cuja preocupação deveria ser com a criação de vínculo entre pesquisador e pesquisado, além de não se ocupar com a veracidade histórica do narrado pelo pesquisado. A versão dos fatos não precisaria de comprovação histórica, mas respeitada como parte da vivência e ponte para uma memória coletiva. (SILVA et al, 2007).

Meu principal instrumento de coleta de dados foi o gravador de voz para o registro das histórias, memórias e poemas. É importante destacar a função do gravador de voz no processo de escuta das histórias. Queiroz (1991) destaca a importância desse instrumento de coleta de dados da informação viva ou arquivos orais, termos propostos pela autora no livro *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*:

Já a técnica da história de vida e depoimentos pessoais que utiliza o gravador, não abarca o domínio muito extenso do tempo; circunscreve-se ao espaço de investigação representado unicamente pelo presente e pelo passado imediato, isto é, pelo período que possa ser armazenado na memória dos indivíduos [...] a grande diferença entre o registro da informação viva e o registro através da escrita, que realça a observação que acaba de ser feita, está em que a informação viva provém diretamente do informante e de suas motivações específicas. Ao contrário, o questionário (para apresentar um exemplo), ou a entrevista com roteiro, têm origem nas preocupações do pesquisador, isto é, são impostos ao informante como algo exterior a ele, tendo ele de se conformar com um ritmo de perguntas que não é seu, com perguntas orientadas por motivações que não são suas. (QUEIROZ, 1991, p. 74-75)

Desde o primeiro encontro, em 2016, pedi autorização a Seu Espedito para registrar nossa conversa pelo gravador do celular. Ele, animadamente, consentiu o registro e disse que já estava acostumado a gravar suas conversas, que não sabia o *que danado o povo fazia com isso, que ele só contava mentiras*. Afirmou também que já havia sido filmado inúmeras vezes. Tal abertura foi importante e surpreendente, já que era meu primeiro contato com ele. Embora à vontade com o gravador, percebia que, em certos momentos, havia seleção do que me contar, seja por causa do instrumento de registro, seja pela minha presença, uma vez que a questão de gênero é inibidora de certos temas.

Ao abrir portas para a convivência com o colaborador, a história de vida me encaminhou para outro método: o cartográfico. Advindo da geografia, o termo “cartografia” ganha espaço nas ciências humanas como um método capaz de realizar um mapa de percurso dos sujeitos e suas comunidades a partir da observação dos processos de produção de seus rizomas e decalques para além dos termos demarcados de forma oficial. Na apresentação do livro *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, Passos, Kastrup e Escóssia (2015) dizem que o conceito de Cartografia é considerado referência a partir do que Gilles Deleuze e Félix Guatarri discutem na introdução de *Mil Platôs* (1995). O ponto de partida dos autores está relacionado à escrita de livros, mas o método foi ganhando outros agenciamentos e rizomas.

Assim, a cartografia enquanto método nos propõe um mapa:

Nesse mapa, justamente porque nele nada se decalca, não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10)

Fernandes (2012, p. 151) define a cartografia como “uma análise descritiva e interventiva que considera os efeitos de subjetividade dos agentes envolvidos na performance”. O autor apresenta o método como possibilidade de desconstrução de visão historiográfica para a literatura, já que seu olhar é multidimensional. E completa: “a abordagem cartográfica consiste no acompanhamento dos percursos em uma realidade em rearranjo, nos quais não devem ser desconsideradas as redes (rizomas) constituidoras do quadro processual.” (FERNANDES, 2012, p. 153)

O método cartográfico me aproximava de Seu Espedito ao criar uma narrativa dentro da narrativa. Meu olhar de pesquisadora, contaminado por teorias e vontades, encontra outros olhares no meio do caminho, encontra os lugares por onde ele andou, os poemas, temas e personagens com o saber adquirido sobre a cultura local: rizomas, acêntricos, mas conectados pelo pulsar poético de seu Espedito. Ao caminhar pelo chão de barro, apontar para pedras e lajedos, me mostrar campos de futebol, igrejas e bares, Seu Espedito me apresentava o mapa da sua vida.

Diante do cenário apresentado, pensar cartograficamente é estabelecer inversão própria da etimologia da palavra *método* (*metá-hodos hodos-metá*). Como se vê, o caminho é que define o método e não o contrário. Enquanto escrevo, ouço e transcrevo, outros galhos surgem e, às vezes, parece que não têm fim. A pesquisa de campo exige convivência maior com o material coletado e cabe ao pesquisador saber quando os encontros presenciais precisam se findar para que a árvore não necessite ser podada infinitamente.

A reflexão metodológica ora apresentada constitui uma etapa importante na constituição deste artigo, bem como da tese que ainda está em processo de maturação, pois toda análise, construção de mapas e categorias temáticas decorrem do processo de apreensão das experiências de Seu Espedito. Ele tem muito a dizer e, eu, muito a ouvir.

## Experiências poéticas de Espedito de Mocinha

O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. (Walter Benjamin)

Contar histórias é uma ação inerente ao ser humano. Verbalizadas ou não, nossa espécie sempre se preocupou em manter tradições e explicar fenômenos através da linguagem. O texto “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, de Walter Benjamin (1994), é bastante esclarecedor sobre a existência de um tipo ideal de contador de histórias. Nele, Benjamin apresenta a ideia do narrador como mestre artesão, fruto de dois tipos de contadores: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. Esses dois tipos fundem-se em um só, pois: “O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro”. (BENJAMIN, 1994, p. 199).

Percebi em seu Espedito essa essência do contador de histórias como um marinheiro comerciante. Ele deixa bem claro que já andou *todo o mundo* e por isso sabe de muitas coisas. Essa característica também é encontrada em outros contadores que lemos e ouvimos. Há

singularidade entre esses narradores: eles saem do lugar onde nasceram por um motivo bem pragmático que é “sobreviver”, mas, com o dom que têm, transformam a travessia em epopeia, cheia de aventuras vividas ou imaginadas e voltam para o lugar de origem como heróis.

Antes de fixar-se definitivamente em Monteiro, Seu Espedito trabalhou em várias cidades circunvizinhas, além de ter participado da construção de Brasília. Alguns trechos que marcam essa característica “andarilha” em Seu Espedito:

Eu até na inauguração de Brasília, eu tava em Brasília, eu construí Brasília, sou um candango legítimo, que eu até escrevi uma poesia...” [...] “É. Eu andei pelo mundo todo, muito. Depois casei e fiquei andando ainda, escute, o meu... o meu desejo é estudar, eu tenho uma vontade de estudar.” [...] Sempre morando por aqui, eu nunca sai daqui, nunca... tem até essa placa ali que tem um verso meu que a Sebrae trouxe, eu nasci e me criei aqui, agora bati o mundo todo... da Barragem de Itaipú pra cá eu conheço tudo. Trabalhei de pedreiro, carpinteiro, armador, fui mestre de obras, mais aqui é a terra que eu adoro, meu berço eu nasci mesmo ali no casco da fazenda, é...” (MOCINHA, 21/08/2016).

Há uma espécie de necessidade para o contador em mostrar para o ouvinte que seu relato é fruto das experiências de vida. É o saber narrado e o vivido. Sobre Seu Espedito é possível perceber que a narrativa de sua vida é permeada também pela poesia. A conversa caminha sempre para um poema, de sua autoria ou de algum poeta da região. E cada história contada parece uma partitura musical. Então, poesia e prosa são entrelaçadas na teia da vida de Seu Espedito cuja hibridização de gêneros é comum na cultura oral.

Acerca da criação da narrativa, Benjamin descreve o processo como construção artesanal tal qual o barro nas mãos do oleiro.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p.205)

Embora escrito no ano de 1936, em contexto pós-guerra, é bem verdade que os narradores ao estilo benjaminiano estão em vias de extinção. O mundo moderno ressignifica os saberes e novos narradores continuam o ofício de narrar. Os *griôs* africanos, nossos/as avôs/avós, os ex-combatentes de guerra viveram experiências que não são nossas, mas são atualizáveis a partir das suas narrativas. Assim, nossa geração e as que estão chegando também criam novos meios para contar suas histórias.

A experiência de narrar é ressignificada na atualidade e Chimamanda Adichie alerta sobre o perigo em ouvir um narrador único e uma história única. A autora discorre sobre estereótipos culturais, pessoas, vivências e, a partir de sua própria vivência como leitora de literatura estrangeira, ainda criança, conta como ela, negra, não se reconhecia nas personagens infantis, mas de tanto consumir uma história única, hegemônica, ao escrever suas histórias, suas primeiras personagens também eram brancas e de olhos azuis.

A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes [...] Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos

que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. (ADICHIE, 2009, s/p)

Seu Espedito, por exemplo, é narrador em transição. Seu olhar crítico para a sociedade revela histórias fruto de um saber oral, construído a partir de suas viagens e contato com as pessoas de todos os gêneros e classes, como também de leituras.

A arte de narrar, conforme Benjamin, apresenta descrição das circunstâncias, dos fatos, como a história chegou até o narrador ou como foi por ele vivenciada. Seu Espedito apresenta essas duas características: a estória “Do nove fora nada” é exemplo de como um acontecimento, como a morte de alguém próximo, se tornou “mote” para a construção de uma narrativa. Essa estória é contada e recontada por seu Espedito. A mesma narrativa também consta em seu livro com o título de “Fazendo a conta da prova da vida”

A vida da gente, eu descobri aqui, eu tava escrevendo ali na mesa, e morreu uma pessoa, instantânea, do coração, fulano morreu. Deu um negócio...caiu morto. Aí eu escrevendo e umas mulher lá na cozinha começaram a dizer: “é, a vida não vale nada”, isso faz uns 3 ou 4 ano e eu botei e tá escrito, eu só não vou lhe dar... mas eu dou pra você levar, é tão fácil, descoberto, fica fácil demais, aí, eu disse, a vida não vale nada, eu peguei e fui fazer, pois não é que termina em nada mesmo rapaz, a conta da vida é tudo nove fora nada. Eu vou dar a você, depois você bota aí, escreve, que é nove meses de gestação materna e nove, é nove fora nada. Né? Aí eu peguei a pensar assim, vamos botar mais pra frente, aí botei, aí eu botei 9 mês a 30 dias é 270 dias, 2 e 7 é nove fora nada. Eu fiquei, mas rapaz, deu nada mesmo, eu... vamos mais pra frente. Botei 270 dias a 24 horas, dá 6.480 horas, nós nasce com 6.480 horas e 6.480 horas é 6 e 4, 10 e fora 1, 1 e 8 é 9, nove fora nada, eu digo e a vida vai terminar em nada mesmo é? E aí, eu não me conformei, eu digo, eu vou botar as horas e os minutos, aí botei pra contar as horas. 6.480 horas por 60 minutos, o resultado dá nove fora nada, eu digo, eu vou no fim. Aí botei pra segundo, segundos, dá... botei minuto a 60 segundos, o resultado da prova dá nove fora nada. Aí eu somei, juntei, 9 meses de gestação, 270 dias, 6.480 horas o resultado dos minutos e resultado dos segundos, somei os resultados: nada! E... eu fiquei imaginando, mas a vida não é nada. Mas você vê, parece que é um dom que Deus dá, que eu agradeço muito a Deus, que é um dom mesmo essa inteligência minha, que eu não aprendi ler, aí, eu diz, veio aquilo, dentro dos nove meses, cada mês tem quatro luas, nova, crescente, cheia e minguante, aí são 9, 4 vezes 9, 36 e 3 e 6, 9, e nada, aí pronto, eu disse, já sei que a vida é nada... Pois é, você leva isso copiado, chega em casa bote no computador pra você ver, a vida termina em nove fora nada mesmo, a vida. (MOCINHA, 21/08/2016)

### “Eu nasci e me criei aqui”

Eu nasci e me criei

Aqui neste pé de serra

Sou filho nato da terra

Daqui nunca me ausentei

Estudei, não me formei  
Porque meu pai não podia  
Jesus, filho de Maria  
De mim se compadeceu  
Como presente me deu  
Um crânio com poesia.  
(Espedito de Mocinha)

Seu Espedito nasce no Assentamento de Santa Catarina, mas, na juventude, ganha o mundo em busca de emprego e de melhores condições de vida. Após décadas, volta ao seu lugar de nascimento onde permanece. De infância muito sofrida, perde o pai aos 10 anos, por isso a situação econômica da família fica ainda mais complicada. Caçula de três irmãos, chega ao mundo em dia 09 de fevereiro de 1939. Filho de Manoel Pedro da Silva e Inácia Maria da Conceição (Mocinha), de onde vem a adoção do seu sobrenome artístico. Seu nome completo é Espedito Pedro da Silva, mas ele diz que não se reconhece com esse nome. Constituiu família com Maria Dolores da Silva com quem teve sete filhos (*e mais dois ou três particular, que eu era sem vergonho que era danado*).

A cidade de Monteiro fica na microrregião do cariri oriental paraibano, a 170 quilômetros de Campina Grande, e 319 de João Pessoa. Oficialmente, é município da Paraíba, desde 1872, com território desmembrado do município de São João do Cariri. O território de Monteiro era uma grande área de fazendeiros e criadores de gado. Em 1800, Manoel Monteiro do Nascimento desmembrou uma parte de sua fazenda Lagoa do Periperi e construiu uma capela com o nome de Nossa Senhora das Dores. Em pouco tempo, a região ao redor da igreja foi habitada e teve os nomes de Lagoa do Periperi, Povoação da Lagoa, Alagoa do Monteiro e, por fim, Monteiro.

**Figura 2:** Igreja Nossa Senhora das Dores, na primeira foto, provavelmente em 1934; e a segunda foto, atualmente.



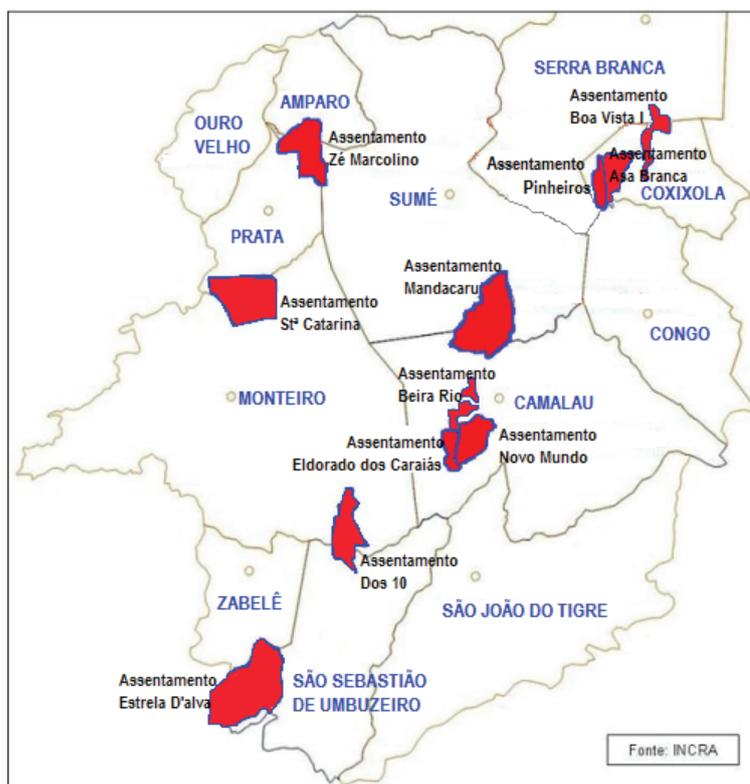
Fonte: [www.caririligado.com](http://www.caririligado.com)

O site oficial sobre a cidade de Monteiro, sob domínio ([monteiro.pb.gov.br](http://monteiro.pb.gov.br)) encontra-se desatualizado e carente de informações. Desse modo, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que, em 2019, a população monteirense era de 33.222 pessoas (o último censo realizado na região foi em 2010). A cidade é polo educacional para a região do cariri e possui *campis* da Universidade Estadual da Paraíba e do Instituto Federal Paraibano. No entanto, a cidade ainda tem problemas na distribuição de renda e estima-se que 47,5% da população vive com meio salário mínimo por pessoa. Destaca-se pela economia de caprino e ovinocultura e possui vegetação típica da caatinga, a “mata branca”, seca em um solo árido e pedregoso, rica em grandes formações rochosas e locas, como a de Zabé. Mas basta uma chuvinha e a paisagem fica verde. Durante a pesquisa de campo, pude perceber essa

mudança no espaço.

Na área rural de Monteiro, a 14 quilômetros da cidade, está o Assentamento Santa Catarina onde vive seu Espedito de Mocinha. A seguir, um mapa para melhor localização.

**Figura 3:** Zabé tocando pífano na Loca onde viveu



**Fonte:** Adaptado de INCRA – PB e Caniello & Duqué (2006).

De acordo com Cavalcante Neto (2019), o contexto de criação do assentamento é de controle do crescimento do Movimento Sem Terra, no governo de Fernando Henrique Cardoso:

Esse governo foi marcado por forte aversão aos movimentos sociais do campo e os camponeses, sobretudo ligados ao MST, que sofreram fortes repressões. Procurando desarticular os movimentos sociais do campo e/ou conter os conflitos agrários, o governo lançou mão da política de Reforma Agrária de Mercado, com o programa Banco da Terra, que visava dois objetivos: potencializar a comercialização de terras através do Banco Mundial, favorecendo o desenvolvimento do capital em meio a grande e média propriedade; e desmobilizar os movimentos sociais da mística de ocupações de terras. (CAVALCANTE NETO, 2019, p. 06)

Em 20 de dezembro de 1993, ocorreu oficialmente a desapropriação da Fazenda Santa Catarina. Para os historiadores, a conquista foi mais uma regularização fundiária do que reforma agrária propriamente, pois, após a morte do dono da fazenda, os funcionários continuaram trabalhando e vivendo na região. A Fazenda Santa Catarina possuía área de 2789,5865 hectares, onde foram assentadas 263 famílias. De todo modo, o ato ficou reconhecido como o primeiro de reforma agrária na Paraíba:

foi com o Assentamento *Santa Catarina* que o Cariri paraibano começou a ganhar uma nova dinâmica em torno da questão

territorial, uma vez que passou a ocorrer a conquista de terras pelos camponeses que antes viviam na condição semifeudal de moradores ou assalariados nas fazendas. (CAVALCANTE NETO, 2019, p. 07).

É nesse contexto de agricultura familiar que Seu Espedito é criado, por isso a paisagem da caatinga, as condições sociais dos seus pares e questões ligadas à origem de Monteiro e do Assentamento são temas recorrentes das conversas e dos poemas do autor. Durante as visitas, fica sempre muito clara a vontade que Seu Espedito tem de registrar sua região, o apreço pela casa e vida. Rondelli (1993, p.19) diz que as condições de vida experimentadas no passado são importantes, pois “para esses contadores, as histórias referem-se a um tempo idealizado do que eles acreditam ter existido e podem ser pensadas como uma maneira de falar sobre aquele passado”.

O universo narrativo de Seu Espedito é permeado também por suas vivências no Assentamento, mas não só nele. O fato de sempre falar que conhece tudo, bem como a alcunha de detentor de grande saber cultural regional, aproxima nosso narrador da ideia de “viajante” de Walter Benjamin. Então, entender o que ele quer dizer ao contar uma história sobre o surgimento do nome de uma pedra, por exemplo, é importante para entendermos a afirmação dele para a construção identitária da cidade.

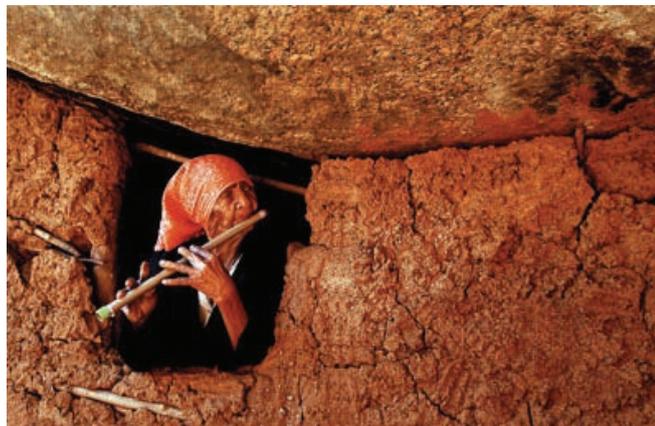
Aí é essa história de Santa Catarina é muito importante, aí eu vou dizer ao Sebrae que eles é quem andam com esses negócio que eles apaguem e botem esse verso como botou Pedra da Lua, que quem sabe da história de Santa Catarina sou eu porque além de ser velho, nascido e criado aqui, tenho o livro que me ensina, eu sei de tudo. (MOCINHA, 21/08/2016)

Como se lê na transcrição, seu Espedito preocupa-se com a manutenção da história local. Em vários momentos da pesquisa, ouvi de muitas pessoas que sua sabedoria e memória contribuem no esclarecimento de dúvidas sobre a história do Assentamento e como era a região desde sua formação. Esse fato, aumenta a responsabilidade e o prestígio de Seu Espedito. Ele insiste em dizer que muitas pessoas vêm visitá-lo, que é convidado para inaugurações na cidade e que lhe encomendam poemas para datas comemorativas.

### **Zabé da Loca, Seu Espedito e Dona Maria: conversa de velhos**

A relação de Seu Espedito com Zabé da Loca merece atenção, pois foi através dela que o colaborador ficou mais conhecido como poeta, na região. A história dos dois se cruza em relação de amizade, fato que reverbera na produção do autor com diversas histórias e poemas sobre Zabé.

**Figura 4 :** Poema e foto colados na parede da casa de Seu Espedito



**Fonte:** <https://sulinhacidad3.blogspot.com/2013/01/zabe-da-loca.html>

Como não temos a pretensão de contar a história oficial e sim o olhar de Seu Espedito através dela, colocarei abaixo a biografia de Zabé por Seu Espedito, contada no livro lançado em 2018:

#### **História de Zabé da Loca**

Isabel Marques, Zabé da Loca, nasceu no agreste de Pernambuco, na cidade de Buíque. Chegou no Sertão da Paraíba quando ainda era mocinha. Foi morar no Olho D'água do Neto, em Monteiro. Seu pai se chamava José Francisco ou Zé Chico. Ele tinha um trio de pífano, que era composto pela mulher e filhos. Zabé seguiu a profissão folclórica até não deixar morrer as artes de seu pai.

Zabé foi a única dessa família que ficou na Fazenda. Ela, em suas tocadadas, conheceu Belmiro, que ela chamava Delmiro, que era tam-

bém tocador de zabumba. Começaram a namorar e juntaram-se. Tiveram dois filhos, José e João. Vieram muitos anos e Delmiro morreu. Ficou Zabé com os dois filhos e o trio de pífano. Ela e os filhos tornaram-se famosos, fazendo excursões pelo Brasil inteiro. Os componentes da banda de pife foram morrendo, até que ela continuou a tocar com outros músicos de Monteiro. “Está tudo ficando”, ela dizia, “eu serei besta de morrer!”. Fiz uma estrofe pensando nessa vida de Zabé da Loca:

A pessoa que não lê  
Sente sem saber sentir  
Ouve sem saber ouvir  
E diz sem saber dizer  
Se faz não sabe fazer  
Não tem ideal completo  
Por mais que seja correto  
*O analfabeto encobre*  
*Por rico que seja, é pobre*  
*Porque é analfabeto.*  
~ ~ ~

#### **O jeito de Zabé**

*Em Zabé, a gente vê*

*Que simplicidade bela!  
Tantos vivem aperreado  
E nada aperreava ela.  
Fumando seu cigarrinho  
E bebendo as caninha dela.*

*Satisfeita com a vida  
Não tem o que reclamar.  
Não fala em guerra de Iraque,  
Em terremotos que há.  
O que Zabé quer saber  
É estar viva e tocar.*

*Seus oitenta e tantos anos  
O tempo botou na lista  
Vivendo bem com a vida  
Uma saúde otimista  
Nunca foi a um doutor  
A não ser algum dentista.*

*Com a simplicidade dela  
Todo mundo lhe quer bem.  
Viveu esses anos todos  
Sem ofender a ninguém.  
Tem saúde pra vender  
Que muitos querem e não tem.*

*Parabéns, Zabé da Loca!  
Deus te dê felicidade,  
Mais outro tanto de vida  
Em nossa sociedade.  
Os anos que eu te desejo  
Ainda não vão na metade.*

*Dra Dilma Rousseff  
Quantos problemas tem ela?  
Zabé não ta nem aí!  
Faz da vida uma aquarela  
O que Zabé quer saber  
É tocar o pifinho dela.*

*Com certeza ela é um gênio.*

*Pela sua construção*

*Conheci mocinha, até.*

*Com um cigarro na mão*

*Nunca ouvi dizer que Zabé*

*Sentisse nada em pulmão.*

*A história de Zabé da Loca*

*Tá no Exterior, até.*

*Os canais de televisão*

*Mostra Zabé como é*

*Acho que até a natureza*

*Tem prazer em ter Zabé.*

Para concluir a história

O esposo de Zabé da Loca se chamava Belmiro. Ela chamava “Delmiro”. Certa vez, chegou uma equipe de repórteres em minha casa e me chamaram para ir a Loca de Zabé a fim de entrevistá-la. Filmaram as pedras. Uma repórter perguntou a ela: “D. Izabel, aqui tem muito barbeiro?” Ela respondeu: “não. Tinha o Antônio Benedito, que cortava o cabelo de Delmiro, mas já morreu”. Antônio Benedito era um barbeiro do Santa Catarina. A repórter riu muito, quase não parava de rir e disse: “não, D. Isabel, é o bicudo o barbeiro!” Então, Zabé disse: “agora era só o que faltava! Botar nome de barbeiro num besouro!” A repórter riu demais com a ingenuidade de Zabé. E assim foi a história de D. Zabé da Loca. Conheço Zabé a uns 60 anos ou mais. Desde que chegou do agreste de Pernambuco, na década de 1940, erradicou-se aqui e é a famosa Zabé da Loca.

Seu Espedito visitou o memorial de Zabé da Loca comigo, em 2016. Sua animação para me contar sobre a região era grande. Não liguei o gravador, mas, na volta para Campina Grande, registrei as informações no caderninho de anotações.

Na entrada do memorial, tem uma placa com verso que Seu Espedito fez para Zabé. “Em Zabé agente ver quanto a natureza é bela/ quantos vivem aperriados e nada aperreia ela/ fumando seu cigarrinho, bebendo as caninhas dela”.

O que ficou dessa passagem pelo memorial, sentada com Seu Espedito após ele assinar seu nome no livro de registros, foi a sensação de que eu deveria ouvir mais os/as velhos/as. Fiquei pensando na literatura e nos personagens idosos com quem já tinha cruzado nas leituras, como a matriarca do conto *Feliz Aniversário*, de Clarice Lispector, nos vaqueiros de Guimarães Rosa, no silêncio de Fabiano, de *Vidas Secas*. Pensei também na perda de protagonismo dos idosos no decorrer da vida. A alegria de Seu Espedito em sair da rotina era visível, em narrar suas experiências, declamar seus poemas, falar e ser ouvido.

Zabé da Loca, Seu Espedito, Dona Maria (esposa de Seu Espedito), todos precisavam de cuidados especiais para se locomover, se alimentar, de remédios, mas será que tinham ouvintes? Qual o papel da memória na perpetuação dessas figuras para o Assentamento? Como Seu Espedito vê a velhice?

Durante nossos encontros, pude perceber como o tempo ia mudando Seu Espedito, na aparência, na lentidão da fala, já que a voz tem papel importante no envelhecimento. Ao com-

parar a voz de Seu Espedito no primeiro encontro e nas últimas ligações por celular, é possível notar nitidamente os efeitos do tempo (e do cigarro que agrava ainda mais a situação).

“A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1979 p. 03). Com essa afirmação, Ecléa Bosi apresenta que, ao conversar com os velhos, as memórias afloravam “nas horinhas de descuido”, como disse Guimarães Rosa. A alegria de ter um ouvinte ativo no momento de um café ou em um passeio fazia Seu Espedito lembrar as histórias e reviver momentos, além de estimular sua criatividade para outras produções. Depois da visita, geralmente eu ligava e seu Espedito dizia: Ô, como foi bom palestrar com vocês, venham sempre, eu já tenho mais histórias pra lhe contar. Então, percebi que nos momentos em que se sentia menos monitorado pelo celular ou pelo “ouvido de uma pesquisadora”, ele conseguia rememorar mais poemas.

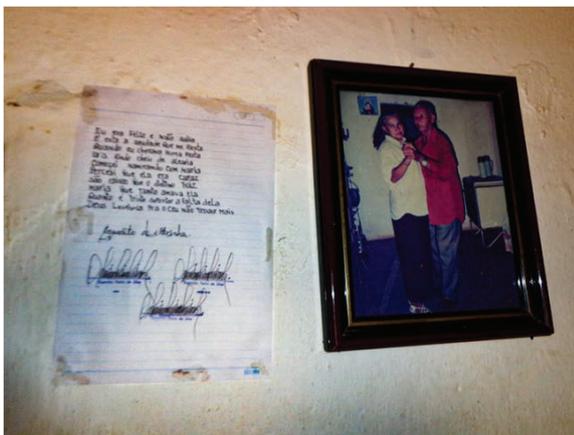
Embora Seu Espedito já fizesse versos desde muito jovem, é na velhice que o conheço. Suas histórias, seus poemas e os vídeos disponíveis na internet são de um artista já idoso. É por essa razão que considerei pertinente pesquisar sobre como as memórias chegam a esse narrador e como elas impactam na sua vida e na sua narrativa. O fazer de Seu Espedito tem um pé no passado distante ou recente:

Ao lembrar do passado, ele não está descansando, ele está se ocupando conscientemente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua própria vida [...]o que rege a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. (BOSI, 1979, p. 23)

Em nossos encontros, Seu Espedito valia-se da lembrança do que viveu. Ele sempre tinha uma história para contar e, dependendo da conversa, as narrativas se repetiam. A repetição é característica típica da tradição oral e, a esse respeito, Fernandes (2007, p. 49) comenta: “a tradição oral não se constitui, essencialmente, pelo repertório de histórias formado ao longo dos tempos, mas pela contínua atualização dessas histórias, o que requer ininterruptas (re)criações de conteúdos a cada contexto”.

Alguns temas foram abordados de acordo com o que acontecia na vida do poeta. No nosso último encontro presencial, o falecimento da sua esposa, dona Maria, foi o assunto central. Dona Maria estava acamada desde 2016, por comorbidades do diabetes. Nos vimos por duas vezes e ela me recebeu de forma muito acolhedora, com sorriso no rosto e perfumada. Ao combinar mais uma visita, por telefone, Seu Espedito me contou que havia perdido sua esposa. Voz triste, contida, mas com vontade de ser ouvida. Então marcamos, encontrei-o em casa, com uma foto do casal na parede e um poema póstumo:

**Figura 5** : Poema e foto colados na parede da casa de Seu Espedito



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora

Por mais que eu soubesse que Dona Maria havia partido, estar em sua casa foi bem diffi-

cil. Fiquei especialmente emocionada ao ler o poema e, ao lado, ver uma imagem que remetia a um momento de alegria, com os dois dançando:

*Eu era feliz e não sabia  
É esta a saudade que me resta  
Quando eu chegava numa festa  
Era rindo cheio de alegria  
Comecei namorando com Maria  
Percebi que ela era capaz  
São coisas que o destino traz  
Maria que tanto amava ela  
Quanto é triste suportar a falta dela  
Deus levô-la pra o ceu não trouxe mais. (sic.)  
(MOCINHA, 09/12/2018)*

Por saber que Seu Espedito estava enlutado, não pretendia demorar na visita. Fui com meu esposo e mais dois amigos. No início da conversa, ele nos disse como estava se sentindo:

*Eu tô assim, tô levando... fiquei viúvo agora, que eu fiz até umas poesias, tudo é permitido por Deus não é? Eu fiz umas poesias com a morte dela. Aqui tá ruim que tá danado, vai fazer quarta feira um mês. Maria soube ser boa em tudo, soube desculpar meus erros, que eu era namorador, puteiro, é... ela soube perdoar, que Deus dê o céu a ela. Mas toda vida eu quis bem a ela. Não era homem de viver brigando.  
(MOCINHA, 09/12/2018)*

A experiência da morte chega de forma mais próxima para nosso autor e ele (con)vive esse momento da forma que sabe: criando. Sua experiência poética é atravessada pela dor da perda e com isso suas memórias voltam-se para o que viveu com a esposa. Ainda sobre dona Maria, trago um poema oralizado por Seu Espedito, em 2016:

Chegamos pra o fim da vida  
Eu doente, ela doente  
Ela triste, eu descontente  
Por vê-la tão abatida  
Eu vencido, ela vencida  
Eu sem força, ela cansada  
Chegamos ao fim da jornada  
Somos os dois vencidos  
Do mundo desiludido para terminar em nada.  
(MOCINHA, 21/08/2016)

O poema apresenta um eu-lírico extremamente solidário à dor da amada. A consciência da chegada da velhice e, com ela, suas limitações, é tema recorrente nas conversas e na poesia do autor. O próximo poema, rico em imagens e metáforas relacionadas à natureza, também foi recitado em 2016, quando conversávamos sobre a velhice:

A enchente dos anos foi chegando  
Com uma violenta tempestade  
O açude da minha mocidade  
Com peso da água foi vazando

Vi a minha mocidade se afogando  
No remanso do poço da idade  
As pilastras da ponte da saudade  
Se partiram no meio e me pegou  
A enchente dos anos carregou  
o açude da minha mocidade.

(MOCINHA, 21/08/2016)

Seu Espedito segue sem Zabé e sem Maria, mais isolado do que antes, por causa da pandemia que assolou o mundo, em 2020. Suas inspirações e companheiras de toda uma vida não estão mais no plano físico, mas as experiências poéticas se encaminham para outros espaços de escrita: “seu dom é poder contar sua vida, sua dignidade é contá-la inteira...” (BENJAMIN, 1994, p. 221).

### Considerações Finais

A voz tem importante função na sociedade. Na etimologia da palavra, voz é criação, sopro. Neste texto, e na escrita da minha tese, procuro aprender com a voz de Seu Espedito. Fazê-la ecoar ainda mais, reverberando em mim e em seus ouvintes mais próximos, mesmo que com os limites que a escrita nos impõe.

Como diz Ayala (2011), a cultura popular é um universo de gentes e deve-se manifestar com interesse em ouvi-las. Este trabalho procura entender e representar um saber popular a partir de Seu Espedito, poeta que apresenta caracteres próprios e um contexto de transição entre escrita e oralidade. Sua poesia é eminentemente oral, mas concretiza-se na escrita onde Seu Espedito reconhece-se como autor.

### Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. 2009. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>>. Acesso em: 25 ago 2020.

AYALA, Maria Ignez Novais. Aprendendo a apreender a cultura popular. In: PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia, técnica e arte política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. Trad.: Sergio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense: 1994. p. 197-221.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. **O Programa Nacional de Reforma Agrária do Inca**: a formação dos primeiros assentamentos do cariri paraibano (1995 a 2001). Anais do 30º Sim-

pósio Nacional de História. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/>. Acesso em: 01 ago. de 2020.

FERNANDES Frederico; LEITE, Eudes Fernando. **Trânsitos da voz**: estudos de oralidade e literatura. Londrina: UEL, 2012.

FERNANDES, Frederico. **O atributo da voz**: poesia oral, estudos literários, estudos culturais e abordagem cartográfica. Revista da Anpoll, vol 1, n. 33, 2012. ISSN: 1982 7830.

\_\_\_\_\_. **A voz e o sentido**: poesia oral em sincronia. São Paulo: UNESP, 2007.

LUCIANO, Aderaldo. **Os poetas ditos “matutos”**: um olhar. Disponível em: <<https://jornalgn.com.br/noticia/os-poetas-ditos-matutos-um-olhar/>>. Acesso em: 24 ago. de 2020.

MOCINHA, Espedito da. **Cariri de Aruiara**: poesias, histórias e humor de Espedito de Mocinha. Campina Grande: LATUS, 2017.

PANORAMA MONTEIRO. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/monteiro/panorama>>. Acesso em: 01 ago. de 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (orgs.) **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da memória viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

REVISTA DA ANPOLL. ESTUDOS CULTURAIS E ABORDAGEM CARTOGRÁFICA. Brasília, DF: v. 1, n. 33, 2012. ISSN: 1414-7564

RODRIGUES, Lílian de Oliveira. **A voz em canto**: de Militana a Maria José, uma história de vida. (tese). 286f. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

RONDELLI, Beth. **O narrado e o vivido**: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

SILVA, Aline Pacheco et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método história de vida. **Revista Mosaico**. vol 1, n. 1, p. 25-35, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart de Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. **Escritura e nomadismo**. Trad. Jerusa P. Ferreira e Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005

\_\_\_\_\_. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: HUCITEC, 1997